

É possível fotografar a escuta?

Carina Nascimento d' Ávila

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

Este artigo-exposição foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Código de Financiamento 001. Foi criado pelas universidades e ruas geladas de um inverno uruguaio no VIII Seminário de Pesquisa em Arte e Cultura Visual (SIPACV) em agosto de 2025. Uma questão rondava a minha mente: será possível fotografar a escuta? Aquela escuta sensível que Barbier (1998) um dia escreveu sobre, aquela que sintoniza-se de forma generosa a outro ser. Será possível fotografar isso? E foi exatamente essa tentativa que vinha acontecendo nos encontros do seminário, um ritmo ou vários ritmos criados e constantemente recriados por um coletivo em suma previamente desconhecido. Neste ritmo-conversa, suportavam-se falas longas e silêncios profundos. E entre os meus trânsitos em Montevideo, eu fotografei o que pude escutar das ruas e do seminário, registros que compõem esse artigo de forma paralela e também convergente. Imagens que gostaria que falassem sem a necessidade tão evidente da minha mediação, pois há que se fazer diálogo com as palavras.

Palavras-chave: escuta sensível; fotografia; educação; comunidade; comunitário;

antes de existir computador existia tevê
antes de existir tevê existia luz elétrica
antes de existir luz elétrica existia bicicleta
antes de existir bicicleta existia enciclopédia
antes de existir enciclopédia existia alfabeto
antes de existir alfabeto existia a voz
antes de existir a voz existia o silêncio
o silêncio
foi a primeira coisa que existiu
um silêncio que ninguém ouviu
astro pelo céu em movimento
e o som do gelo derretendo
o barulho do cabelo em crescimento
e a música do vento
e a matéria em decomposição
a barriga digerindo o pão
explosão de semente sob o chão
diamante nascendo do carvão
homem pedra planta bicho flor
luz elétrica tevê computador
batedeira, liquidificador
vamos ouvir esse silêncio meu amor
amplificado no amplificador
do estetoscópio do doutor
no lado esquerdo do peito, esse tambor
Arnaldo Antunes

Escute a música:

https://youtu.be/C-qf05jyYu0?si=WQKkVmcsM_n290v2

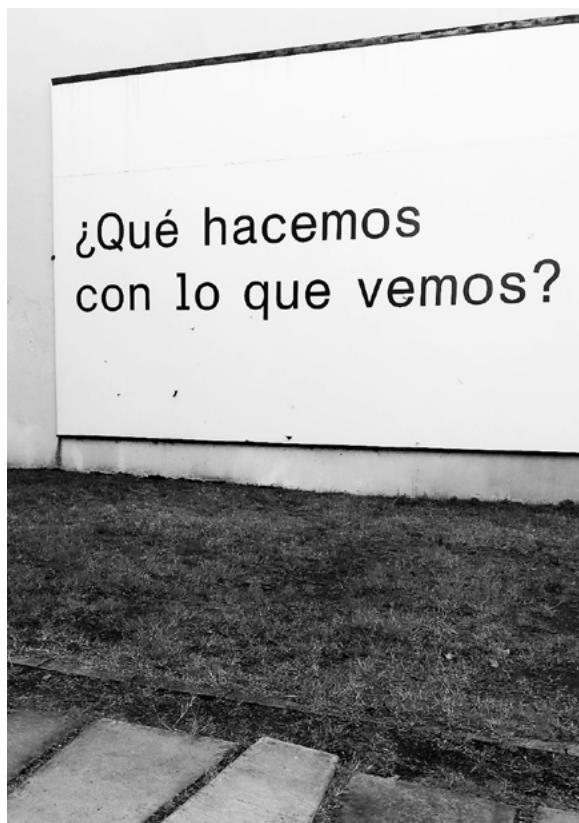


Fig. 1. Fotografia do muro do Espacio de Arte Contemporáneo, onde foi colado um grande cartaz escrito digitalmente: ¿Qué hacemos con lo que vemos?

Exercício 1:

Enquanto você lê estas linhas, pare por um momento e feche os olhos. Concentre-se nos sons que te cercam neste exato instante. Tente identificar todos eles, do mais sutil ao mais óbvio. Anote-os. Há um som que você não tinha notado antes? Como o ambiente soa quando você o escuta de forma intencional? O que esses sons dizem sobre o lugar e o momento em que você está?

O mundo, em sua vertiginosa e implacável cadência, parece ter esquecido a urgência da pausa. Diante do turbilhão de imagens, sons e informações que nos assaltam a cada instante, a escuta se tornou um ato de resistência, um refúgio necessário. É nesse cenário de overdose sensorial que este artigo nasce. Motivada pela necessidade de reavivar a escuta na comunidade escolar onde leciono, a proposta aqui é uma provocação: seria possível fotografar a escuta? Que paradoxos, que saberes e aprendizados podem emergir dessa sutil, e talvez impossível, tentativa?

A provocação central de fotografar a escuta é, na verdade, uma metáfora para algo muito mais profundo. É uma reflexão sobre a necessidade de uma de ir além da superfície, para se conectar com o invisível e o inaudível. A educação, em sua estrutura tradicional, muitas vezes privilegia a lógica visual, a palavra dita, a resposta imediata. Mas esquece que o aprendizado mais significativo pode vir do silêncio, da observação atenta, da sensibilidade. A escuta, aqui, não se limita ao sentido da audição, mas se expande para uma escuta sensível, uma forma de estar no mundo que se sintoniza com as nuances, os ritmos e as emoções de tudo o que nos cerca. Como seria o mundo se houvesse uma cultura forte e consolidada de “escuta sensível” (BARBIER, 1998)? Como seria fotografar esse mundo?



Fig. 2. Fotografia retirada de um banheiro feminino num bar de Montevideo onde foi escrito manualmente: "Nadie sabe lo que puede un cuerpo"

Me fiz essas perguntas porque em 03 de abril de 2024, me reuni em uma grande Assembleia de servidoras e servidores do colégio que leciono e decidimos não só aderir, mas inaugurar uma greve nacional pela Educação. Percebemos que estávamos num momento crítico e necessário para insistir num diálogo com o governo de forma mais incisiva, já que todas as outras formas de diálogos não foram bem sucedidas. A difícil e corajosa decisão, só ocorreu mesmo pela ausência de escuta por aqueles que deveriam zelar pela educação pública de qualidade. A greve se estendeu por longos e exaustivos meses.

Trabalhei arduamente, participando de forma ativa na Comissão de Comunicação do Comando Geral de Greve. Neste período, houve uma série de eventos infelizes na comunicação entre famílias e servidores. Uma comunicação violenta que muitas vezes eu achava que iria culminar em algo físico. Algo muito triste de ver. Até porque ninguém ali era realmente responsável pela greve, ninguém decidiria a favor por menos investimento no colégio.

Os dias de assembleia simbolizavam bem esses problemas. Famílias se reuniam do lado de fora do campus e contratavam carros de som para esbravejar seus gritos de ordem. E de frente para essa manifestação, o Comando de greve fazia o mesmo. Obviamente, um não ouvia o outro. Não se debatia em como dialogar com essas famílias, mas sim que o carro de som deveria ser mais potente. Tudo isso me entristecia, até porque imaginava como seria o nosso retorno depois da greve, como essa relação frágil poderia se restabelecer.

No retorno às aulas de Informática Educativa, disciplina que ministro para turmas do Ensino Fundamental 1, continuo observando a dificuldade de escuta. Às vezes, o problema maior não é gerar interesse nos/nas estudantes, mas sim, moderar as falas e garantir que todas sejam escutadas. Passei a investir mais tempo em práticas como meditação e visualização para fomentar a escuta sensível.

A escuta sensível é, por Barbier, aquela que vai além da decodificação de códigos da linguagem falada. Mas requer um esforço além, de empatia e dedicação para o Outro. Nutrir-se de todos (ou quase todos) elementos daquele que se expressa e ouvir com o corpo, o espírito disponível, sem contagem de tempo, de forma presente aqui-agora.

A escuta sensível não é apenas ouvir o que o outro diz, mas captar o que não é dito, as emoções, os silêncios, a linguagem do corpo. É uma forma de comunicação que se dá no campo da intuição, da empatia. Essa escuta é fundamental para a educação, pois é através dela que o educador podemos nos conectarmos com o Outro, compreendendo suas singularidades e desafios. A escuta sensível é a semente de uma pedagogia que acolhe, que compreende e que transforma.



Fig. 3. Fotografias de um muro numa rua de Montevideo onde há cartazes com fotografias de pessoas que desapareceram na época da ditadura militar nos anos 70. Ainda há um cartaz onde está escrito "La verdad sigue sequestrada"

E se a fotografia fosse também uma forma de escuta? Uma escuta silenciosa do mundo? A fotografia, em sua essência, é a captação de um instante, de um fragmento de tempo. Mas o que acontece se ao buscar capturar não o que se vê, mas o que se sente, o que se ouve ou o que se cala? Um vestígio do invisível? Uma pegada deixada pelo som no tempo?

Quanto de não-visto pode suportar uma imagem? Quanto de não-ouvido cabe em um enunciado, em um som? Quanto

não-saber arrega cada uma das coisas que sabemos, em suas entranhas, nas menores partes, nos cantos, que se distribuem em desconhecidos menores, compostos por sua vez de incertezas exponencialmente misteriosas? (CONTAGE, 2024, p.87)

O ato de fotografar a escuta é um exercício de paradoxo. Como dar forma a algo que não tem forma física? Como registrar algo que, por natureza, é etéreo e tão particular? Talvez a resposta esteja não na imagem final, mas no processo. A fotografia da escuta não está na foto em si, mas no olhar que a produz. É um olhar que se torna ouvido, uma lente que se torna tímpano. A escuta, nesse contexto, é um pré-requisito para o ato de fotografar, e a fotografia, um resultado do ato de escutar.

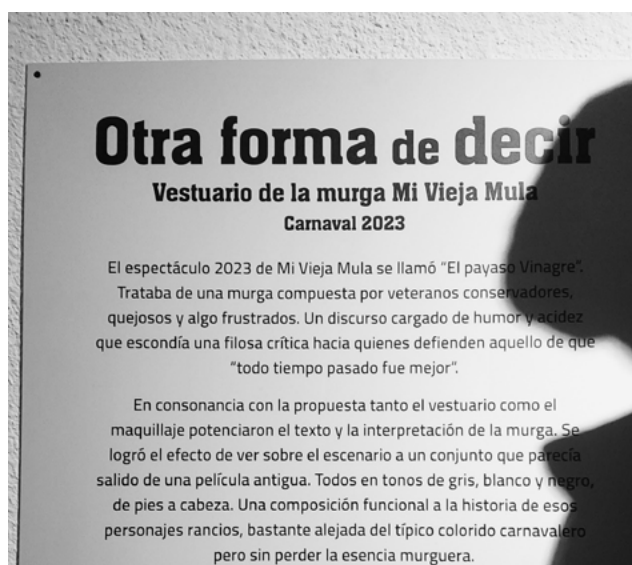


Fig. 4. Fotografia realizada no Museu do Carnaval de Montevideo onde destaquei a legenda da exposição cujo título é "Otra forma de decir".

Exercício 2

Este é um exercício de percepção e criação. Escolha um lugar ou uma pessoa que você queira escutar. Não com seus ouvidos, mas com sua atenção, seu olhar e seu coração. Observe a luz, as texturas, as cores. Observe os silêncios, a forma como a pessoa se move ou como os objetos estão dispostos no espaço. Tente traduzir essa escuta em uma fotografia. O que a imagem que você criou diz sobre o que você sentiu e percebeu? Ela traduz o silêncio? A tranquilidade? A agitação?

Pode-se dizer que a escuta sensível é também o cerne da sabedoria indígena, que carrega em si uma profunda sabedoria sobre a conexão com a natureza e com o coletivo. Ailton Krenak, em seus trabalhos, nos convida a "adiar o fim do mundo" através de uma reconexão com a Terra e seus ciclos. Essa reconexão é, acima de tudo, um ato de escuta. Escutar a floresta, o rio, os seres que nela habitam, é compreender a interdependência e a riqueza do ecossistema.

De forma semelhante, o escritor Daniel Munduruku (2017), em sua obra, narra uma história que ecoa essa profunda relação, a qual narrei num dos encontros do SIPACV ainda deste ano. Munduruku conta que quando era jovem se

sentia deslocado, sem pertencer à sua própria aldeia, principalmente após se ver apaixonado por uma menina branca e não ser correspondido, exatamente pela sua origem indígena. Seu avô, um ancião, o aconselha a escutar o rio. Ele explica que o rio não se questiona se é ou não um rio, ele simplesmente é. Ele segue seu ritmo, seu fluxo, e acolhe tudo o que encontra em seu curso. A escuta do rio é, nesse caso, uma metáfora para a escuta de si, a aceitação da própria natureza e a busca pelo seu próprio fluxo.



Fig. 5. Fotografia de djembês (tambores originários de Guiné) empilhados de forma a se encaixarem entre suas partes mais finas e redondas, formando um bonito coletivo. Registro realizado numa loja e escola de música de Montevideo.

- O rio ensina que é preciso ser perseverante. Ele diz que é preciso encontrar um motivo para seguir adiante. Meu neto já viu o rio parar diante de um obstáculo e ficar chorando, lamentando-se?

Ele não me deu tempo para responder, logo retomou a ideia.

- Ele não faz isso. Sabe por quê? Porque dentro dele tem uma voz que repete sem cessar que, se ele parar, jamais irá se encontrar com o grande rio, lugar de onde vieram nossos ancestrais e para onde voltaremos depois da nossa existência. O grande desejo do rio é ser o rio. Ele não quer ser outra coisa. E ele não só poderá sê-lo se abandonar sua verdadeira vocação. Acontecerá com ele o que acontece com todos os que, homens ou mulheres,

abandonam sua missão: ficará doente, pobre, fedorento. Água parada cria lodo, e a vida vai embora. Ninguém quer tomar banho num rio com água parada, pois sabe que ali não há alegria. Ali estará um ser que desistiu. (MUNDURUKU, 2017, p.14)

“Quise Vestirme de Mar” (CASATTI, CORGATELLI e MARSIGLIA, 2025) foi uma das instalações que esteve presente no VIII SIPACV. As autoras realizaram fotografias e vídeos nos quais exerceram a escuta sensível para as águas salgadas.



Fig. 6. 4 fotografias dos registros audiovisuais (1- de cabeça para baixo se vê o mar, a areia e os prédios da orla. 2- se vê pedras com limo e o mar. 3- se vê o movimento do mar com uma fotografia realizada com longa exposição. 4- se vê o mar mais azulado e coisas que parecem algas).

Nesta instalação, vejo um cuidado com não só ouvir o mar, mas também há uma preocupação com o coletivo. “¿Cómo se construye un paisaje colectivo? ¿Cómo las imágenes construyen memoria? ¿Cómo recuperar las sensaciones que nos genera el mar y su entorno?” – assim as autoras questionam.

Se somos 60 a 70% de água, ouvir as águas com atenção é ouvir a nós mesmos e as nossas memórias. Somos uma grande população que busca se aglutinar em torno das águas como forma de sobrevivência e de vivência, onde acumulamos histórias e comportamentos que não necessariamente prezam pelo respeito aos outros e a si mesmo.

Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios. Esse exercício de escuta do que os cursos d’água comunicam foi produzindo em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos quase mais nenhum respeito por eles. (KRENAK, 2022, p.7)

A escuta sensível é parte essencial do processo de aprender. A escuta não é apenas um ato de compreensão, mas um ato de pertencimento e de respeito. É essa a escuta que é necessária cultivar na educação, para que toda comunidade escolar se sinta, de fato, pertencente a um coletivo diverso e acolhedor. A escola deve ser um espaço-tempo onde todas e todos podem ser ouvidos, onde a diferença é celebrada, e não um lugar de uniformização do pensamento.

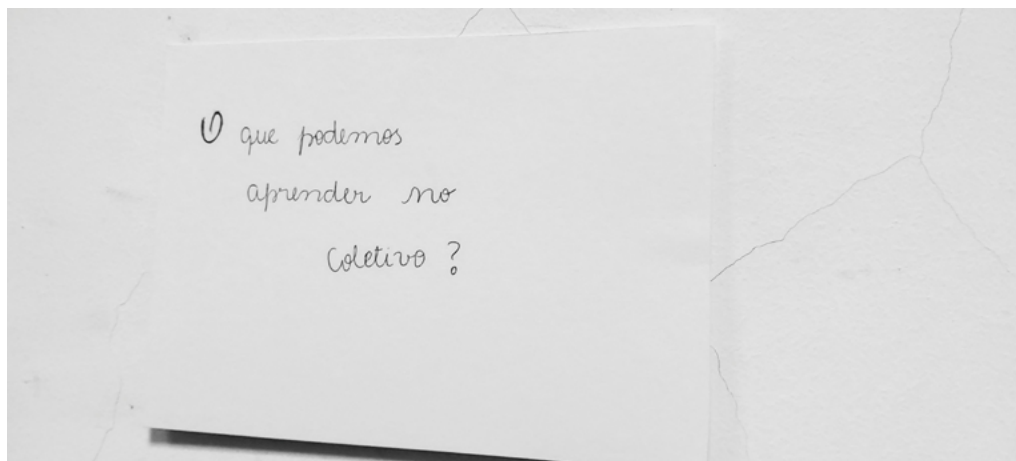


Fig. 7. Registro fotográfico da pergunta "O que podemos aprender no coletivo?" realizada por alguma pessoa durante uma assembleia no seminário.

Atualmente tenho estudado exatamente essa nossa conexão com as águas e os aprendizados que podemos ter com elas para impulsionar em minha escola um espírito comunitário.

A educação, em seu cerne, é um processo de trocas, de diálogos, de encontros. E para que esses encontros sejam frutíferos, a escuta é a condição fundamental. Em um ambiente escolar, o barulho muitas vezes se impõe. São vozes, risadas, passos, o tilintar dos teclados. Mas é no meio desse ruído que precisamos aprender a ouvir. E talvez o mais desafiador: ouvir o silêncio. O silêncio do estudante que não se manifesta, o silêncio que esconde uma dificuldade, uma angústia ou um grito de socorro.

É nesse ponto que a fotografia, como metáfora para a escuta, se torna uma ferramenta valiosa. O ato de fotografar exige uma pausa, um olhar atento. Exige que nos sintonizemos com o contexto, com a luz, com o instante. Da mesma forma, a escuta sensível na sala de aula exige que se faça uma pausa, que se desprenda da pressa de cumprir o cronograma, para realmente enxergar o corpo discente para ouvir o que sua postura, seu olhar e seus silêncios estão dizendo. E para isso é necessário investimento governamental.

A tentativa de fotografar a escuta é, no fundo, a tentativa de fotografar a alma do mundo. É a busca por um Olhar que não apenas vê, mas que sente, que se conecta, que se entrega. E é essa a escuta que precisamos na educação, para que possamos construir uma sociedade mais empática, mais diversa, mais humana. Uma sociedade onde o aprendizado não seja apenas a memorização de dados, mas o florescer do ser em sua totalidade.

A fotografia da escuta é a imagem que registra o instante em que a atenção se faz presente. É a imagem que capta a pausa, a respiração, o olhar que

se detém. É um exercício de percepção, tanto para quem fotografa quanto para quem observa a imagem.

Mas se a fotografia é a arte de capturar um instante, e a escuta é um fluxo contínuo, será que a verdadeira escuta só acontece quando deixamos de buscar a imagem e nos entregamos ao som do tempo, sem a necessidade de registrá-lo?

Referências

- BARBIER, René. **A escuta sensível na abordagem transversal**. Tradução: Maria Amália Ramos. In: BARBOSA, J. (org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EDUFScar, 1998
- CASATTI, Romina, CORGATELLI, Carla e MARSIGLIA, Milena. **Quise Vestirme de Mar**. Instalação fotográfica e audiovisual. VIII Seminário de Pesquisa em Arte e Cultura Visual (SIPACV) em agosto de 2025
- CONTAGE, Daniel Gaivota. **Escolas invisíveis: dobras para uma críptica da visão pura**. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: NEFI, 2024. -- (Coleção Teses e Dissertações; 17)
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos**. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

Carina Nascimento d' Ávila

Professora de Informática Educativa do Colégio Pedro II (Humaitá I), onde atuou como Diretora Pedagógica durante o período pandêmico no campus Tijuca II. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da UERJ (Proped), orientada por Tânia Lucia Maddalena. Mestre em Educação (Proped- Uerj, orientação: Edmea Santos), graduada em Fotografia (UNESA) e Pedagogia (UERJ), vem mergulhando nos estudos de Imagem e produção do conhecimento, importando-se desde a configuração dos artefatos legitimados científicos a invenções nos espaços não-legitimados de produção de conhecimento, reconhecendo-o como forma de sobrevivência do engajamento e das proposições autônomas e coletivas que desafiam o discurso batido das lógicas de reprodução. Como educadora, compreende-se como propositora de práticas, as quais, percebe ao longo de mais de dez anos, acontecem por alguns fios condutores elétricos e frenéticos: sensibilidades, prazer, autogestão, redes e aqui-agora. Instagram: @professoradebiquini / @edustorylab.